

## ALÉM DA TRAGÉDIA: AGÊNCIA FEMININA E SUBVERSÃO DA JORNADA HEROICA EM “ÉDIPO REI”, DE SÓFOCLES

### BEYOND TRAGEDY: FEMININE AGENCY AND SUBVERSION OF THE HEROIC JOURNEY IN SOPHOCLES’ “OEDIPUS THE KING”

Laura Lucy Dias<sup>1</sup>  
Rafael Alberto Alves dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo investiga a agência feminina e a subversão do destino em “Édipo Rei” com um olhar particular para a construção ativa da memória. O suicídio por enforcamento de Jocasta, a rainha de Tebas, sob a lente da filosofia sartriana e da análise de Nicole Loraux (1985), ganha uma dimensão simbólica maior que lhe designa um ato de resistência e afirmação da identidade perante a fatalidade trágica. Ao ressignificar sua história através da memória como um ato de criação constante, Jocasta não apenas desafia o determinismo trágico, mas também estabelece uma nova narrativa, alinhada com as reflexões de Sartre (2005) e Frankl (2021; 2014) sobre a liberdade e o sentido da vida. A morte, em Sófocles, adquire uma dimensão simbólica que ultrapassa o individual, tornando-se um momento de verdade e confronto com a finitude, aliado à perspectiva da Jornada da Heroína para ressignificação. O suicídio da rainha, inscrito na memória da tragédia, revela a complexidade da experiência feminina e a capacidade de agência, mesmo diante das adversidades. A comparação entre as jornadas de Édipo e Jocasta evidencia como a memória, enquanto construção ativa, molda as identidades e as narrativas, tanto masculinas quanto femininas, na tragédia grega de Sófocles, *Édipo Rei*.

**Palavras-chave:** Agência feminina; Jornada da Heroína; Memória; Identidade de gênero; Subversão do destino.

**Abstract:** This article investigates female agency and the subversion of fate in “Oedipus Rex” with a particular focus on the active construction of memory. Jocasta’s suicide by hanging, the queen of Thebes, under the lens of Sartrean philosophy and Nicole Loraux’s analysis (1985), gains a greater symbolic dimension that designates it as an act of resistance and affirmation of identity in the face of tragic fatality. By resignifying her story through memory as an act of constant creation, Jocasta not only challenges tragic determinism, but also establishes a new narrative, aligned with Sartre’s (2005) and Frankl’s (2021; 2014) reflections on freedom and the meaning of life. Death, in Sophocles, acquires a symbolic dimension that goes beyond the individual, becoming a moment of truth and confrontation with finitude, combined with the idea of the Heroine’s Journey towards resignification. The queen’s suicide, inscribed in the memory of the tragedy, reveals the complexity of the female experience and the capacity for agency, even in the face of adversity. The comparison between Oedipus’ and Jocasta’s journeys highlights how memory, as an active construction, shapes identities and narratives, both masculine and feminine, in Sophocles’s Greek tragedy, *Oedipus Rex*.

**Keywords:** Feminine Agency; Heroine’s Journey; Memory; Gender Identity; Subversion of Fate.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

<sup>1</sup> Graduanda em Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade do Grande ABC (UniABC) e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Professora Titular da Prefeitura do Município de São Paulo. *E-mail:* luacy8@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor de Língua Portuguesa no Ensino Médio na Rede Estadual de São Paulo. *E-mail:* rafael@comloquaz.com.br.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entre a tragédia grega e as jornadas do herói e da heroína dialogam a Literatura e a Filosofia, dentre outras áreas do conhecimento humano. Aqui unimos esses dois campos específicos e afins na busca por mais significados para o nosso objeto de pesquisa. Este é, portanto, um estudo de cunho bibliográfico. É, ademais, de abordagem qualitativa, de natureza básica e de objetivo exploratório.

Para fundamentar as nossas considerações neste artigo, ancoramo-nos nas investigações e publicações de autores clássicos, como Aristóteles (2003), e estudiosos contemporâneos da tragédia grega – como Bocayuva (2008), Chevalier (2020) e Loraux (1985). Além disso, recorreremos à teoria filosófica de Sartre (2005); à psicológica, de Frankl (2021; 2014); e à mitológica da “Jornada do Herói”, de Joseph Campbell (2009), e da “Jornada da Heroína”, de Maureen Murdock (2022).

Na próxima seção, denominada “Marco Teórico”, apresentaremos algumas considerações sobre a morte, fenômeno que perpassa toda a peça de Sófocles em análise, assim como traçaremos um panorama da mesma em termos de trama e as jornadas do herói e da heroína em termos filosóficos. Ato contínuo, na seção “Resultados e Discussão”, aprofundaremos e aprofundaremos o debate que aqui nos propomos trazer.

## 1 MARCO TEÓRICO

### 1.1 A morte, filosoficamente falando

A morte é um fenômeno natural, universal e vivenciado ontologicamente de forma singular. Enquanto elemento central na experiência humana, pode ser real (a dimensão física que representa o fim da existência) ou simbólica (a que é produzida a partir do somatório de rupturas, perdas, decepções e desesperanças).

Fukumitsu (2023; 2019) introduziu o conceito de *processo de morrência*, que representa a intensa morte simbólica que vai sendo gradativamente sedimentada e faz o sujeito perder a razão de continuar existindo. Tais vivências incômodas – seja a morte real ou a morte simbólica – são impregnadas de preconceitos e tabus nas diversas sociedades orientais e ocidentais desde tempos imemoriais e têm sido mote para incontáveis manifestações artísticas – dentre elas, a dramaturgia.

Em relação a *Édipo Rei* – a primeira obra da trilogia do dramaturgo grego Sófocles, que

é seguida por *Antígona* e *Édipo em Colono* – há a exploração da relação entre o destino e a morte, mostrando como a figura de Tântos molda as vidas de Édipo e Jocasta, protagonistas da trama. Sobretudo, *Édipo Rei* narra a história desventurada da personagem homônima na vivência da sorte que fora traçada para si por meio de uma profecia, “a sina que ensina”, e que aqui analisamos sob o prisma de Campbell (2005), Murdock (2022), Sartre (2005) e Frankl (2021; 2014).

Ao comparar as jornadas de Édipo e Jocasta, evidenciamos como o homem grego da época de Sófocles exercia um papel mais ativo e a mulher era frequentemente limitada em termos sociais. A análise da obra revela a hierarquia de gênero e a influência das convenções trágicas – como a *hybris* e a *catarse* (Aristóteles, 2003) – na representação da morte, e nos convida a refletir sobre a condição humana, a inevitabilidade da finitude que é comum a todas e todos nós e o enfrentamento do sofrimento psíquico através de recursos psicológicos ou espirituais. Nesse sentido, as contribuições de Sartre (2005) e Frankl (2021; 2014) são essenciais.

Para que bem compreendamos os conceitos e os fundamentos que discutiremos aqui, faz-se necessário, primeiramente, entender o teor da narrativa sofocliana nessa obra, o enredo dessa tragédia. É o que seguidamente faremos.

## 1.2 Em breves linhas, *Édipo Rei*

Esta tragédia de Sófocles que trazemos para apreciação aqui, *Édipo Rei*, foi concebida por volta do ano 427 a. C. e é marcada pela inevitabilidade do destino, que será colocada sob a ótica da memória e da simbologia da morte. A profecia que assombra Laio, rei de Tebas, e a subsequente jornada de Édipo, marcada por uma série de eventos trágicos, culminam na revelação de uma verdade terrível, visceral: Édipo, que matara o pai, havia se casado com a mãe. Essa catástrofe, prevista antes de Édipo nascer, fez com que Laio, em vão, tentasse ludibriar a sina. Contudo, falhou e pagou o alto preço por esse intento arduo.

Devido à profecia, Laio mantinha apenas relações sodomitas com a esposa (Cromberg, 2016). Para melhor esclarecer a questão, precisamos retomar um período anterior ao casamento de ambos e uma importante lei da Grécia e do mundo antigo de então: a LEI DA HOSPITALIDADE. Consoante Cromberg (2016), acolher um estrangeiro em casa era um ato de grande generosidade e respeito para os gregos e para os povos ainda mais antigos do que eles, como os celtas, por exemplo. Isso significa dizer também que a pessoa hospedada deveria guardar respeito para com tudo o que pertencesse a quem a estava hospedando. Caso não o

fizesse, pagaria em vida pela quebra da confiança que nela fora depositada.

Após ser expulso de Tebas por seus meios-irmãos, Zeto e Anfião, Laio buscou e encontrou refúgio em Pisa, reino de Pélope, que o acolheu em seu palácio. É nesse contexto que Laio conhece Crisipo, filho de Pélope, e é nesse convívio que ocorre o trágico acontecimento: o abuso sexual de Crisipo perpetrado por Laio. Pélope, como rei, tinha o dever de oferecer abrigo e proteção a Laio, que estava em situação de exílio. Crisipo, como filho de Pélope, fazia parte da família real e, portanto, tinha a obrigação de receber e cuidar dos hóspedes de seu pai, mas o abuso sexual praticado contra si por Laio contrariou a Lei da Hospitalidade e fez com que esse hóspede deixasse de ser assistido por seus anfitriões. O ato de Laio contra Crisipo desencadeia uma série de eventos trágicos que culminam na história de Édipo e em sua triste sina: indignado com a atitude de seu hóspede, Pélope o amaldiçoa, profetizando que o filho deste o mataria. Humilhado e desesperado, Crisipo comete suicídio.

A concepção de Édipo ocorre quando Laio, em uma versão do mito, está bêbado, e em outra, está tomado de amor e “[...] penetrou a esposa do ‘lado bom’ e lhe plantou um filho nos flancos. Ela não tem papel na concepção, a qual é atribuída ao homem. Só o pai gera, ela é nutriz do germe semeado” (*ibidem*, p. 158). A partir daí começa a saga edipiana e o que conhecemos na obra de Sófocles por *insights* entre o coro e Tirésias, com o oráculo a revelar a profecia. Na tentativa de escapar ao seu destino, Laio manda furar os tornozelos da criança e trespassá-los a uma vara para prendê-lo. O antropônimo “Édipo”, em grego, significa “pés inchados”. Laio ordena a um criado que leve a criança para uma montanha e a abandone ali para morrer. Apesar de soar grotesca, essa era uma prática muito habitual então e até bem recentemente: as crianças expostas, rejeitadas por seus pais e colocadas por eles em locais estratégicos onde pudessem ser recolhidas por quem as quisesse criar ou devorada por feras – se essa fosse a sua sorte.

O criado de Laio se compadece do bebê e o entrega a um pastor que o leva para Tebas. Lá ele é adotado pelo rei Pólibo e pela rainha Mérope, que não tinham filhos e dão-lhe o nome de Édipo, que cresce acreditando ser filho do casal real de Corinto. Em um banquete, um bêbado insulta o príncipe, dizendo que ele não era o filho verdadeiro dos reis. Intrigado com essa afirmação, o jovem decide consultar o Oráculo de Delfos para descobrir a verdade sobre a sua origem e este lhe revela a profecia terrível: Édipo mataria o seu pai e casar-se-ia com a sua mãe. Apavorado, ele decide fugir de Corinto para evitar causar mal aos seus pais adotivos.

Ao fugir, encontra-se em uma encruzilhada com um grupo de viajantes que lhe ordena que dê passagem à carruagem, já que a estrada, conhecida como “A Fenda”, é estreita. Sem

atender a esse pedido, Édipo recebe uma chicotada<sup>3</sup> de Laio – que é um dos viajantes e a pessoa mais importante de sua comitiva – e, em um acesso de raiva, o jovem mata o agressor – seu verdadeiro pai – e todos os homens que estavam com ele. Acreditava que eram malfeitores e jamais poderia imaginar que aquele homem irascível era o seu genitor.

Após essa ocorrência inesperada e sangrenta, Édipo chega a Tebas, cidade que está sendo aterrorizada pela Esfinge, uma criatura mítica que propõe enigmas aos viajantes e devora aqueles que não conseguem resolvê-los. Com sua inteligência privilegiada, Édipo desvenda o enigma da Esfinge e, como recompensa, torna-se rei de Tebas e casa-se com a rainha Jocasta, que lhe é oferecida por Creonte, irmão desta, como prêmio.

A ação da peça é iniciada aqui, após Édipo se tornar rei de Tebas e se casar com Jocasta. Édipo governa a cidade com sabedoria e justiça. Quando uma peste assola a cidade, um oráculo revela que a causa da praga é a presença de um assassino impunido na Corte. Édipo, determinado a encontrar o culpado e purificar a cidade, inicia uma investigação e pistas começam a surgir. Um velho pastor revela que muitos anos antes, havia encontrado um bebê abandonado, com os tornozelos perfurados, e o havia entregado a um casal de Corinto. Édipo começa a suspeitar que ele poderia ser o assassino de Laio. Jocasta, ao entender a extensão da tragédia, suicida-se enforcando-se. Édipo, tomado pela dor e pela culpa ao ver sua esposa-mãe morta e ao descobrir a terrível verdade sobre a sua ascendência e seus crimes, arranca<sup>4</sup> os olhos para não ver o que estava diante de si e fora-lhe invisível até aquele momento. Cego e banido de Tebas, passa a vagar pelo mundo como um mendigo, acompanhado apenas de sua filha Antígona.

Ao analisarmos as jornadas de Édipo e de Jocasta sob a lente da Jornada do Herói e da Jornada da Heroína, à luz de Campbell (2005) e Murdock (2022) respectivamente, percebemos como a morte, para ambos filho/esposo e mãe/esposa, representa um ponto de inflexão, marcando a passagem de uma identidade para a outra.

Tendo sido revelada para Édipo a antiga profecia que lhe destinava assassinar o pai e desposar a mãe que fez com que esse rei passasse por um grande conflito existencial. Segundo a perspectiva logoterapêutica de Viktor Frankl (2021; 2014), nenhum sujeito está isento de vivenciar a Tríade Trágica – composta pela dor, pela culpa e pela morte (Pereira, 2017), mas sempre se pode ressignificá-la e transcendê-la. Tomado pelo pesar, Édipo abdica do seu reinado, riqueza e poder e suicida-se simbolicamente (Dias; Souza; Câmara, 2021) ao cegar os próprios olhos. Passa a andar sem rumo certo, tendo Antígona como única companhia, e encontrando,

<sup>3</sup> Há uma versão que defende que passaram com a carruagem por sobre seus pés, insultando-o e ignorando-o.

<sup>4</sup> Em outras versões do mito, fura-os com dois alfinetes que prendiam as vestes de Jocasta.

desta forma, uma maneira de se auto expiar e de ter um novo sentido de viver.

Chegando a esse ponto, é mister refletirmos sobre a Jornada do Herói e a Jornada da Heroína, primordiais para quem estuda mitologia, arquétipos e símbolos. Passemos a esse tema na próxima seção, à luz da Filosofia.

### **1.3 A Jornada do Herói e a Jornada da Heroína em termos filosóficos**

A Jornada do Herói encontra-se na obra *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell, publicada primeiramente em 1949 e que se tornou basilar para diversos estudos. O autor, que estudara as mitologias primordiais de diversas culturas, estabeleceu dois padrões de jornadas comuns para a personagem central das narrativas: um que culmina no encontro da mulher amada e no desfazimento do herói em um novo ser definido no gozo profundo em tornar-se um junto ao outro, e um que culmina no encontro com Deus ou com a sabedoria profunda, que dizima o *ego* do herói e o torna parte desse Deus ou desse conhecimento superior/profundo, ou em outra transformação.

A Trajetória do Herói inicia-se com o herói experienciando uma vida aparentemente normal e previsível. Um evento inesperado, porém, rompe essa rotina e o apresenta a um chamado à aventura. Inicialmente, ele pode resistir a essa convocação, motivado por medo ou insegurança. A recusa ao chamado é uma etapa natural, pois representa a resistência natural à mudança.

Com o tempo, o herói encontra um mentor que o guia e o prepara para enfrentar os desafios que o esperam. Esse prócer pode ser um mestre, um ancião, um sábio ou qualquer figura que transmita a ideia de conhecimento e sapiência. Com o apoio dele, o herói sente-se mais confiante para dar o primeiro passo e cruzar o limiar para o desconhecido.

A travessia do primeiro limiar marca a entrada do herói em um novo território, repleto de perigos e oportunidades. Ao longo dessa jornada, ele enfrentará uma série de provas e tribulações, encontrando tanto aliados que o ajudam a superar os obstáculos quanto inimigos que tentam impedi-lo de alcançar o seu objetivo. À medida que se aproxima do objetivo central da sua jornada, o herói se depara com a caverna secreta, um lugar pleno de incógnitas e perigos.

A provação final é o momento de maior tensão da jornada, quando o herói é colocado à prova, enfrentando um desafio que pode ser físico, mental ou espiritual. Ao superá-lo, obtém a recompensa pela qual lutou, seja ela um objeto mágico, um conhecimento especial ou uma nova perspectiva. A recompensa representa o crescimento e a mutação do herói ou o encontro com a sua amada e o regozijo nesse amor.

Após a conquista da recompensa ou elixir, ele inicia o caminho de volta. No entanto, o retorno não é simples, pois o herói ainda precisa enfrentar um último obstáculo: a ressurreição. Essa etapa simboliza a morte do antigo eu e o renascimento de um novo ser. Ao superar essa última prova, o herói retorna ao seu mundo, mas transformado pela experiência, trazendo consigo a recompensa da jornada, que transforma não apenas o herói, mas também a comunidade em que ele vive. Em alguns casos, ele retorna com a amada; em outros, não, como ocorre com Orfeu, que a perde no caminho de volta ao mundo dos vivos na chamada “Jornada do Renascimento”.

A Jornada do Herói, portanto, é um ciclo de crescimento e reconfiguração que inspira e motiva pessoas de todas as idades e culturas, revelando-se um rico terreno para a reflexão filosófica, interligando diversas áreas do pensamento. Ao confrontar a finitude, a moralidade e o mistério da existência, o herói espelha a angústia existencial e a busca por significados inerentes à condição humana.

A Epistemologia encontra na jornada um modelo para compreender a aquisição do conhecimento, enquanto a Metafísica a utiliza como metáfora para explorar questões profundas sobre a realidade e o além. A Ética, por sua vez, é constantemente desafiada nos dilemas morais enfrentados pelo herói, que questiona a natureza do Bem e do Mal. Assim, a Jornada do Herói transcende a narrativa, tornando-se um arquétipo que reflete as mais profundas inquietações da Filosofia.

Por seu turno, a Jornada da Heroína, embora compartilhe algumas semelhanças com a do Jornada do Herói, apresenta diferenças significativas que refletem as experiências e as expectativas sociais impostas às mulheres. A psicoterapeuta, professora e escritora Maureen Murdock sentiu-se compelida a realizar a sua pesquisa sobre o que acima expomos após entrevistar Campbell e ele responder que a Jornada da Heroína não existia, pois a Jornada do Herói era exatamente chegar à mulher. Em desacordo com ele quanto a essa explicação, ela persistiu no que acreditava e o eternizou no livro *A jornada da heroína*, publicado em 1990.

Desse modo, a Jornada da Heroína ocorre em um nível mais interno, com a protagonista enfrentando desafios psicológicos e emocionais. Frequentemente precisa conciliar múltiplos papéis – como mãe, esposa, profissional e heroína –, o que lhe gera conflitos e desafios adicionais. As relações interpessoais, especialmente com outras mulheres – oferecendo apoio, resistência ou até mesmo oposição – são cruciais nessa jornada. A heroína enfrenta desafios específicos relacionados ao gênero, como discriminação, expectativas sociais e a necessidade de provar o seu valor em um mundo dominado por homens. Sua jornada culmina em uma transformação pessoal profunda que pode envolver a descoberta de sua identidade, a superação

de traumas e a busca por autonomia, oferecendo uma representação mais complexa e realista das mulheres contemporâneas ao desafiar estereótipos de gênero e inspirar as novas gerações. Ao explorar as experiências e os desafios específicos das mulheres, a Jornada da Heroína contribui para uma narrativa mais inclusiva e equitativa, conforme advoga Murdock (2020). Dito de outro modo, a Jornada da Heroína é uma narrativa universal que acompanha as mulheres em suas buscas por autoconhecimento e empoderamento.

Essa trajetória inicia-se com um chamado, muitas vezes inesperado, que convida a heroína a abandonar a sua zona de conforto e adentrar em um território desconhecido. A princípio, ela pode hesitar, motivada por medos e obrigações sociais. No entanto, com o apoio de uma mentora sábia – que pode ser uma figura materna, uma amiga ou até mesmo uma guia espiritual –, ela encontra a força necessária para seguir em frente.

Ao longo de sua trajetória, a heroína enfrentará uma série de provas e tribulações que testarão a sua resiliência e determinação. Esses desafios podem ser de natureza física, emocional ou espiritual, e exigem que ela desenvolva novas habilidades e recursos. Em um momento cabal, a heroína depara-se com o seu maior medo, enfrentando uma descida simbólica ao Inferno. Esse é um momento de profunda transmutação, onde é confrontada com suas sombras e fragilidades. Ela pode enfrentar dilemas internos, dúvidas existenciais ou situações que a fazem questionar tudo o que acredita. Essa experiência, embora dolorosa, é fundamental para a sua evolução. Ao emergir das profundezas, a heroína renasce mais forte e mais sábia.

Segundo a proposta de Murdock (2020), com o conhecimento e a experiência adquiridos em sua jornada, ela retorna ao seu mundo trazendo consigo um “elixir” – que pode ser uma cura, um *insight* ou uma nova perspectiva. Essa remodelação não beneficia apenas a heroína, mas também a sua comunidade, que recebe seus novos dons e habilidades. A Jornada da Heroína, portanto, é um ciclo de crescimento e mudança que inspira as mulheres a buscarem a sua autenticidade e a fazerem a diferença no mundo.

Esta jornada oferece um contraponto à visão predominantemente masculina da aventura, infundindo a busca da própria identidade e o desafio aos limites impostos pela sociedade. Olhar para o passado e ressignificar obras arraigadas na cultura é de suma importância, visto que, ao explorar a experiência feminina e a busca pela integridade, Murdock (2022) nos convida a repensar noções convencionais de heroísmo e a desconstruir estereótipos de gênero.

A Jornada da Heroína, sob a lente da Filosofia, revela uma profunda busca por significado em um mundo que questiona a existência pessoal. Alinhada com as críticas feministas à sociedade patriarcal, a Jornada da Heroína explora a angústia existencial e a necessidade de individuação, ecoando as ideias de Jung. Ao buscar uma conexão mais profunda

com o divino e confrontar dilemas morais complexos, a heroína dialoga com a Filosofia em suas diversas vertentes: da Metafísica, que questiona a natureza da realidade, à política, que analisa as estruturas de poder. Assim, essa jornada transcende o âmbito narrativo, tornando-se um rico campo de investigação filosófica sobre a condição humana.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 2.1 Gênero e agência na linha dos acontecimentos

A identidade de gênero é fluida e individual, sendo influenciada por diversos fatores, incluindo os biológicos, os culturais e as experiências pessoais; é moldada pelas nossas vivências e pelas interações sociais. A forma como nos vemos a nós mesmos e como a sociedade nos vê influencia diretamente na maneira como nos identificamos. Autores consagrados como Beauvoir (2016), Foucault (1988) e Butler (2003) trazem para discussão diversas questões sobre como se constrói a identidade e em *Édipo Rei* é preciso destacar a construção, desde o mito até a obra de Sófocles, para entender a agência feminina.

Em relação à construção da identidade de Édipo, inicialmente, a personagem está a todo momento interagindo com os interlocutores na peça; usa a sua inteligência, é ouvida e reconhecida, tem o maior *status* social de Tebas e exerce poder soberano. A figura do herói, muitas vezes associada à masculinidade, entrelaça-se com o fado trágico de Édipo, criando uma complexidade que desafia as categorias binárias de gênero, visto que o incesto era um ato que subvertia as normas sociais e familiares da época, questionando as noções de parentesco, identidade e da família nuclear vigente, violando tabus sociais – como segue sendo majoritariamente até o presente momento.

A atração incestuosa de Édipo por Jocasta não é apenas um desvio moral, mas uma profunda perturbação da ordem social e um desafio à noção de identidade sexual. Como expõe Cromberg (2024), ao desejar a mãe, Édipo subverte a dicotomia entre o familiar e o erótico, colocando em questão a ideia de que a sexualidade é determinada exclusivamente pela diferença biológica. Ao se apaixonar por alguém que é ao mesmo tempo sua mãe e tornar-se-á sua esposa, ele revela uma complexidade sexual que vai além das categorias binárias. Édipo transcende as categorias de masculino e feminino, desafiando as normas de gênero que definem os papéis sociais e as expectativas em relação aos homens e às mulheres na Grécia Antiga.

Consoante os estudos de Butler (2003), as normas tradicionais de gênero, profundamente enraizadas em diversas culturas, estabelecem um conjunto de expectativas e

comportamentos considerados apropriados para homens e outros apropriados para mulheres. Para os homens, historicamente, a força, a racionalidade, a independência e o papel do provedor. Espera-se que eles sejam assertivos, competitivos e que dominem o espaço público. Já para as mulheres, a delicadeza, a emotividade, a submissão e o cuidado com o lar e com a família, sendo frequentemente restritas à esfera doméstica, associadas à maternidade e à dependência do elemento masculino (Beauvoir, 2016).

Butler (2003) ressalta que essas normas variam entre culturas e mudam ao longo do tempo, mas a dicotomia entre o masculino e o feminino, com papéis claramente definidos, é um padrão comum em muitas sociedades. Essas normas, muitas vezes internalizadas desde a infância, moldam as identidades de gênero, as relações sociais e as oportunidades disponíveis para homens e mulheres. Ainda que não sejam verdades universais, e como generalizações, precisamos destacar esses elementos para a discussão que seguirá.

A virtude de Édipo, tão intrínseca à sua identidade masculina, paradoxalmente, torna-se o catalisador de sua tragédia pessoal. Sua busca incessante pela verdade e pela justiça – qualidades tipicamente associadas à masculinidade –, cegam-no para a terrível verdade que o aguarda. É nesse conflito entre a virtude e o destino que reside a complexidade da condição humana, revelando a fragilidade da identidade, por mais nobre que seja.

Quando Édipo auto inflige sua cegueira, sob a perspectiva de Sartre (2005), ele está agindo em conformidade com o que se espera dele, mas de uma forma complexa e paradoxal. A cegueira, nesse contexto, é uma afirmação da liberdade de escolha. Para Sartre (*ibidem*), a existência precede a essência, ou seja, o ser humano se define através de suas escolhas e ações. Ao cegar-se, Édipo assume a total responsabilidade por seus atos, reconhecendo que suas escolhas o levaram àquela situação trágica. Essa ação, embora dolorosa, é uma forma de autenticidade, de confrontar a verdade sobre si mesmo e sobre o mundo.

No entanto, a cegueira de Édipo também pode ser vista como uma tentativa de escapar da liberdade. Ao se privar da visão, ele busca se livrar da agência sobre as suas escolhas e suas ações. A cegueira, sob esse viés, é uma forma de má-fé, uma tentativa de negar a sua liberdade, como afirma a mesma filosofia sartriana. Quando a masculinidade, na Grécia Antiga, está ligada à força, à razão e ao controle, a cegueira revela a vulnerabilidade de Édipo, desafiando a ideia de que o homem forte e poderoso está imune ao sofrimento. Essa vulnerabilidade pode ser vista como uma desconstrução da masculinidade tradicional.

A situação de Édipo, especialmente no momento da revelação de sua identidade, evoca a noção sartriana de responsabilidade. Ao descobrir que é o assassino de Laio, Édipo assume a totalidade de seus atos, mesmo que esses tenham sido motivados por uma fatalidade

aparentemente inevitável. Neste sentido, visto que Tirésias é a representação do bissexual, ao fazer a transição de Édipo, ele revela a essência de Édipo, a essência que Laio lhe concedeu. Tirésias não tem poder para salvaguardar Édipo do anseio pela verdade de seus crimes de incesto e parricídio, culminando na cegueira e no exílio (Cromberg, 2016).

Tirésias, figura emblemática da mitologia grega, encarna uma das mais intrigantes explorações da sexualidade na história da Humanidade. Sua metamorfose, após separar duas serpentes em cópula, o conduziu a uma experiência única que transcendeu os limites do gênero, conferindo-lhe um conhecimento profundo sobre os mistérios da vida e da sexualidade. Essa jornada singular, que o transformou em mulher e posteriormente em homem, o tornou um oráculo capaz de desvendar os enigmas do desejo e da identidade, tornando-o uma figura central para a compreensão das nuances da experiência humana, tanto na Antiguidade quanto nos debates contemporâneos sobre gênero e sexualidade (*ibidem*).

Uma das mais célebres profecias de Tirésias diz respeito à natureza do prazer sexual. Ao afirmar que “[...] se fôssemos dividir o gozo sexual em dez partes, à mulher caberá nove e ao homem uma” (Cromberg *apud* Alvarenga, 2016, p. 159), ele desafiou as normas sociais de sua época e apresentou uma visão radicalmente diferente sobre a sexualidade. Essa afirmação, que subverte a ordem patriarcal, revela a existência de um desejo feminino intenso e poderoso, frequentemente reprimido e negado. Em contrapartida à sua profunda visão interior, Tirésias foi castigado com a cegueira física. A privação da visão, por assim dizer, pode ser interpretada como uma metáfora para a capacidade de enxergar além do óbvio, de compreender as profundezas da alma humana. A cegueira, nesse caso, não representa uma limitação, mas uma forma de transcendência, conforme Chevalier (2020).

Conduzido por Tirésias para o lugar de sabedoria e exílio, Édipo é levado a confrontar a sua identidade de gênero e a sua sexualidade, perdendo o vigor masculino, passando a depender da filha-irmã, tal qual os andróginos em *O Banquete*, de Platão (1987). Édipo sempre se complementa com um Outro feminino que é carne de sua carne; junto a ela, é o terceiro sexo, tal qual os andróginos.

Jocasta, inserida no contexto da realeza tebana, encontra a sua identidade social definida em grande medida por seu papel de esposa de Laio. A filha de Meneceu, um dos Espártos (Grimal, 2005), fundador de Tebas, vê sua vida moldada pelas expectativas e convenções de sua época. A profecia que pairava sobre o seu casamento com Laio, anunciando um futuro sombrio e incestuoso, lançou uma sombra sobre a sua existência, delimitando suas possibilidades e expectativas.

Embora a narrativa clássica tenda a apresentar Jocasta como uma figura mais passiva,

submetida à vontade e mando alheios a si, é possível vislumbrar nuances em sua personagem. A aceitação da profecia e a decisão de entregar Édipo à sua estrela podem ser interpretadas como atos de resignação, mas também como estratégias de sobrevivência em um mundo dominado por forças divinas, ou seja, agência ativa. A tragédia de Jocasta reside não apenas em seu fado trágico, mas também na impossibilidade de escapar das amarras de uma sociedade que a molda e limita.

Sabemos por Cromberg (2016) que Laio e Jocasta, para evitar o cumprimento da profecia, não mantinham relações sexuais com o objetivo de procriação. A figura de Laio, frequentemente retratada em narrativas posteriores como um governante autoritário e cruel, contribuiu para a construção de uma imagem associada a práticas sexuais violentas e desviantes, embora não haja evidências históricas concretas para sustentar tais alegações. A ausência de registros históricos detalhados sobre as práticas sexuais na Grécia Antiga dificulta a confirmação ou negação dessas especulações, limitando-nos a análises baseadas em interpretações de textos literários e mitológicos.

De acordo com Butler (2003), como rainha, Jocasta inscreve e performa uma identidade de poder, porém, a tentativa de evitar a profecia, abandonando Édipo, a coloca em uma posição de conflito entre o amor materno e o dever para com o reino. A revelação do incesto e do parricídio, além de causar uma profunda dor pessoal nela, a coloca também em uma posição socialmente inaceitável. A rainha, que antes era reverenciada, torna-se uma figura marcada pela culpa e pelo horror. O suicídio de Jocasta é um ato desesperado diante da impossibilidade de lidar com a verdade e com as consequências de seus atos. É um ato de libertação, mas também uma condenação social. Por um lado, ela representa o poder e a autoridade; por outro, é marcada pela tragédia, pela culpa e pela submissão ao destino. Sua história nos convida a refletir sobre o papel da mulher na sociedade grega de outrora, sobre a natureza da sina e sobre a fragilidade da condição humana.

A identidade de gênero de Jocasta é marcada pelo silenciamento do casamento arranjado e como prêmio a Édipo, pela maternidade culposa e pela tragédia da fatalidade que a acomete ao final da história. Outros elementos que formam a sua identidade é ser filha, esposa e mãe, que dentro do que tange à narrativa de Sófocles, não parece ter domínio dos acontecimentos, cabendo perguntas como: “Ela escolheu abandonar o filho?”, “Ela aceitou, submissa, o casamento com aquele que derrotou a esfinge?” e “Como era a relação de Jocasta com Laio, visto a natureza indomável do rei?”.

A figura de Jocasta, imersa no universo mítico grego, revela-se como um modelo do que Simone de Beauvoir (2016) define como o “Outro”. Subjugada por uma sociedade patriarcal

que a limita à esfera doméstica e a submete aos desejos masculinos, ela encarna a condição feminina como o “Outro” em relação ao homem. A rainha de Tebas, presa às expectativas de sua época, encontra-se aprisionada em um papel que a define não por suas próprias escolhas, mas pela relação que estabelece com o masculino. Sua história, marcada pela tragédia e pelo incesto, evidencia a construção social da feminilidade e a opressão a que as mulheres eram submetidas na Grécia Antiga.

Sob a perspectiva de Michel Foucault (1998), podemos analisar como as instituições de poder da época moldavam a subjetividade feminina, impondo normas e expectativas que limitavam a agência de Jocasta. Já Judith Butler (2003) nos convida a questionar a categoria de gênero, desvelando a performatividade da feminilidade e a forma como ela é construída culturalmente.

Na obra de Sófocles, Jocasta tem um papel fundamental e suas falas são essenciais para o desenvolvimento da trama. No entanto, sua voz é moldada pelo contexto histórico e cultural em que a obra foi escrita e sua presença é sempre vista em relação à figura central de Édipo. Analisando a representação feminina sob um prisma feminista, percebemos que Jocasta é frequentemente marginalizada e submetida a uma narrativa dominada pela hegemonia masculina. Essa subordinação é evidente na forma como sua história é contada, priorizando os acontecimentos que envolvem o protagonista e relegando as experiências femininas a um plano secundário e desimportante.

A ausência de uma leitura interna sobre os sentimentos e pensamentos de Jocasta reforça a ideia de que a sua existência está intrinsecamente ligada à de Édipo, o que a torna uma figura passiva e determinada pelas ações dos homens. Essa representação, comum nas tragédias gregas, reflete os valores patriarcais da época e contribui para a perpetuação de estereótipos de gênero, nos quais a mulher é vista apenas como objeto de desejo, cuidadora ou vítima.

Ao analisarmos *Édipo Rei* sob esse ângulo, podemos questionar a universalidade das verdades apresentadas na obra e reconhecer a necessidade de uma crítica que desvende as desigualdades de gênero presentes em textos clássicos, por isso a agência de Jocasta como indivíduo. Seu trágico desfecho, que a leva ao suicídio, serve como um símbolo da opressão feminina e da falta de espaço para agência das mulheres sobre as suas vidas em uma sociedade patriarcal, onde elas eram frequentemente vistas como responsáveis pelos destinos trágicos dos homens, sem que suas próprias dores e sofrimentos fossem devidamente reconhecidos nem considerados.

Ao aplicar o Teste de Bechdel (AI Cinemas, 2024) à tragédia de Sófocles, rapidamente percebemos as limitações da representação feminina na obra. O teste, criado pela cartunista

Alison Bechdel, propõe três critérios simples para avaliar a presença de mulheres em obras de ficção: 1) a obra deve conter pelo menos duas mulheres com nome próprio; 2) essas mulheres devem conversar entre si; e 3) a conversa não pode girar em torno de um homem.

*Édipo Rei*, embora seja uma obra-prima da Literatura Universal, falha em cumprir até mesmo o primeiro critério do teste. Jocasta, a única mulher com um papel relevante na trama, não possui uma interlocutora feminina com quem possa desenvolver uma conversa significativa. Sua interação limita-se a Édipo e a outras personagens masculinas. A ausência de sua voz autônoma, até mesmo como rainha, e a presença masculina dominante na narrativa reforçam a ideia de que a sua identidade é construída para servir aos interesses dos homens. A tragédia de Jocasta não é apenas um destino individual, mas um símbolo da opressão feminina e da falta de agência das mulheres como grupo em um mundo dominado por homens.

Sendo o Outro de Édipo, Jocasta morre simbolicamente como esposa (Loraux, 1985) ao suicidar-se com o método de enforcamento e não por outro. Neste ponto, ela é a parte da sexualidade de Édipo que não pode ter continuidade; morre como esposa e é substituída pela filha-sobrinha que se relaciona com o pai-tio de modo diverso, como uma cuidadora que exercerá o papel de mãe simbólica para Édipo, que necessita de auxílio – uma vez que está cego, banido e pobre.

Édipo não pôde se livrar de sua identidade relacionada à polimorfia sexual, que é hereditária, provinda da estirpe de Laio, conforme Cromberg (2016): “Laio é considerado o introdutor da homossexualidade na Grécia”, e esse não é um ato que é pecado, ainda que tenha sido feito sob violência e em ato de transgressão de outras leis, como a Lei da Hospitalidade.

Para Sartre (2005), o ser humano não possui uma natureza pré-determinada, mas se constrói através de suas escolhas e ações. A liberdade é um aspecto fundamental da condição humana, mas também é fonte de angústia, pois o indivíduo é responsável por suas escolhas e pelas consequências delas. No caso das mulheres na Grécia Antiga, a liberdade era limitada por uma série de convenções sociais e expectativas de gênero. No entanto, Sartre (*ibidem*) nos convida a olhar além dessas limitações e a analisar como as mulheres, mesmo dentro de um sistema opressor, encontravam maneiras de exercer a sua agência.

A decisão de Jocasta de casar-se com Laio pode ser vista como uma escolha limitada pelas convenções sociais da época. No entanto, mesmo dentro dessas limitações, ela exerceu sua agência ao aceitar a proposta de casamento. A decisão de abandonar Édipo, por sua vez, revela um conflito entre o desejo de proteger o filho e a necessidade de obedecer aos deuses e às leis da cidade. Essa decisão, tomada em um contexto de grande sofrimento, demonstra a complexidade da agência feminina e as pressões sociais que as mulheres gregas enfrentavam.

Ao se casar com Édipo, ela parece aceitar passivamente a sua sorte. No entanto, é possível interpretar essa atitude como uma forma de resistência. Ao se casar com o herói que derrotou a Esfinge, ela garante a proteção de sua cidade e, de certa forma, afirma e reafirma o seu poder. Outros elementos, como o papel da mulher naquela sociedade, a crença no destino e a sexualidade feminina também devem ser considerados na análise da figura de Jocasta, sob a ótica da filosofia sartriana que nos permite compreender que a agência feminina, mesmo em um contexto opressivo, é um fenômeno complexo e multifacetado. Jocasta, apesar das limitações impostas por seus patrícios, exerceu sua agência de diversas maneiras, tomando decisões difíceis e moldando a sua sorte.

Ao explorar questões como a culpa, a responsabilidade individual e o papel do fado na vida de Jocasta, podemos aprofundar nossa compreensão da condição humana e da complexidade da experiência feminina na Grécia do tempo de Sófocles.

## **2.2 A morte e seus sentidos filosóficos ressignificados em *Édipo Rei***

A morte, pelo que vimos até o momento nesse artigo, em *Édipo Rei*, transcende a materialidade, revelando-se como um poderoso catalisador de mudanças. A auto cegueira de Édipo, além de ser uma morte simbólica, como um rito de passagem entre um estado de Édipo-filho-esposo para Édipo-pai-tio, é uma mudança do orgulhoso, masculino e viril para o sábio e frágil. O ato em si é a realização da peripécia e da *anagnorisis*<sup>5</sup> e simboliza uma jornada interior em busca de uma nova compreensão da realidade e aceitação de sua condição e identidade de gênero, da qual ele não pode fugir e lhe é natural. O ato em si é a retirada do véu que usava para iludir-se, uma espécie de renascimento espiritual, isto é, um novo sentido de vida na aceitação.

Seus olhos fecham-se para o mundo exterior e voltam-se para o seu interior, para a sua essência, transformando-o em um herói trágico e adquirindo sabedoria e autotranscendência porque ele é feito de dois gêneros, tal qual Tirésias, conforme a proposta platônica do terceiro sexo. Nesse contexto, a morte não é apenas um fim, mas um catalisador para a comutação, um fio que tece a tragédia e completa a identidade de gênero de Édipo, que carrega o feminino e o masculino.

O sofrimento psíquico possibilita ao sujeito não apenas vivenciar dor, de acordo com Câmara (2023), mas oportunidades de crescimento ao fazê-lo entrar em contato consigo mesmo, refletindo sobre o que foi dolorosamente vivido, tomando decisões responsáveis e mobilizando

---

<sup>5</sup> “Reconhecimento” em grego. Trata-se de um recurso narrativo que oferece informações sobre uma determinada personagem.

o potencial interno de resiliência e criatividade para lidar com as adversidades, enfrentando-as e buscando, no sentido de viver, a autotranscendência.

Consoante o que defende a Logoterapia, o ser humano é compreendido de forma integral através desta tríade dimensional: somática, psicológica e noética. A dimensão noética ou espiritual é derivada da filosofia aristotélica, onde *nous* significa “espírito”. Frankl (2021; 2014) acreditava na impermanência do padecimento e compreendia que, mesmo nas experiências permeadas por agruras, esses sofrimentos não seriam em vão se fossem encontrados sentidos para os mesmos.

Lindando com a dor de forma distinta à de Édipo, ao ter a consciência de ter desposado seu primogênito sem sabê-lo, Jocasta viu-se imersa em um padecimento indizível, impregnado de desespero e desalento. Com tal malfadada sina, ela encontrou no suicídio a solução imediata, irrefletida e definitiva para um problema que teria desdobramento e construção de possíveis novas realidades com prejuízo para si e os seus – uma carga emocional para a qual ela não estava preparada e cujo ônus ela não queria pagar, segundo Fukumitsu (2023; 2019).

O ato auto lítico, advoga Câmara (2023), é um fenômeno que sempre existiu na Humanidade. De natureza ontológica, é complexo por ser multifatorial e multidimensional. Refere-se ao ato intencional de pôr fim à própria vida no intuito de libertar-se de uma dor anímica insuportável, descontinuando o sentido existencial.

Em relação ao papel assumido pela mulher no contexto histórico dessa tragédia grega, após a supra mencionada referência subjetiva do autocídio, Jocasta, subjugada pelas expectativas sociais, encontra na morte a única fuga possível. A sua escolha pelo suicídio, embora trágica, sublinha a passividade e a submissão esperadas das mulheres gregas de seu tempo – cujo silenciamento e submissão para com o elemento masculino eram consabidos e julgados como negativos por povos outros, contemporâneos aos filhos de Hélade, ao mesmo tempo que subverte a narrativa tradicional da heroína passiva, revelando a complexidade da experiência feminina e a busca por agência em um mundo dominado por homens. A figura de Jocasta revela as profundas desigualdades de gênero na sociedade grega de então.

A jornada de Jocasta, tradicionalmente vista como uma vítima do destino, ganha novos nuances sob a filosofia sartriana, pois Sartre (2005) nos lembra que o ser humano se define através de suas escolhas. Ao decidir morrer, Jocasta não é apenas um peão nas mãos de sua sina, mas uma agente que molda ativamente a sua existência. Quando comete o suicídio por escolha sua, o faz de modo ativo e impede que dentro de si a sua memória seja infiltrada, reescrita e moldada à luz de informações advindas pela mente e pela mão o Outro. Ou seja, sua decisão é um ato de liberdade, uma afirmação de sua autonomia diante das circunstâncias. Ao

invés de ser subjugada pela sina, ela se torna coautora de sua própria tragédia, subvertendo a noção de vítima passiva como indivíduo.

Sua morte marca um ponto de ruptura na trama, sinalizando o fim de uma era e o início de uma nova ordem. Sartre (2005) nos auxilia a compreender essa complexidade ao destacar que a identidade é uma construção contínua, moldada pelas nossas escolhas. A cegueira auto infligida de Édipo e o suicídio de Jocasta simbolizam a busca por uma nova compreensão da existência e a impossibilidade de escapar do destino enquanto tragédia, mas para Sartre (2005) e Frankl (2021; 2014), outras possibilidades se instauram.

Ambas as personagens aqui tratadas, confrontadas com a impossibilidade de mudar o futuro, optam por se transformar a si mesmas. No entanto, enquanto Édipo busca a purificação através da dor e da metamorfose em sábio e cego, assumindo a sua identidade de gênero ligada à dualidade e que assume elementos da memória de modo ativo e constante, Jocasta busca a libertação da existência e a ressignificação do que ela viveu, à luz da filosofia sartriana, ainda que para a coletividade e memória histórica haja outras possibilidades. Ao tomar suas decisões, tanto Édipo quanto Jocasta demonstram a capacidade humana de transcender as circunstâncias e encontrar sentido na própria existência.

Essa diferença reflete a desigualdade de poder entre homens e mulheres na sociedade grega antiga, onde as mulheres tinham poucas opções e eram frequentemente vistas como vítimas de suas sinas. De certo, apesar de estarem associadas à tragédia que a vida lhes preparou, ambas as personagens aqui trazidas são livres para decidir pela cegueira ou pela autoquiria, conforme a máxima de Sartre (2005) e de Frankl (2021; 2014), pois foram *condenadas*, assim como Laio, desde o início, *à liberdade*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maldição que recaiu sobre Laio – como um pagamento pela sua quebra da Lei da Hospitalidade – instaura um clima de fatalidade sobre as personagens desta peça sofocliana. Sua transgressão provoca o seu assassinato e desencadeia uma série de eventos que culminam na ruína da família real. Jocasta e Édipo, diante da revelação incestuosa que mantêm, encontram na morte e no exílio, respectivamente, formas de escapar da dor e da vergonha. A tragédia tebana, assim, demonstra a força avassaladora do destino e a fragilidade da existência humana frente à morte inevitável.

A tragédia *Édipo Rei* revela as nuances da experiência heroica e nos convida a refletir sobre a complexidade dos temas nela tratados, principalmente no que se refere à morte, marcada

pela tensão entre o fado e a liberdade, assim como pelas desigualdades de gênero. A morte, quanto a essas personagens, não é apenas um fim, mas um catalisador para a autotranscendência e uma afirmação de ser no mundo. Através de suas escolhas, ambas nos mostram que, mesmo diante da tragédia, a agência humana pode ser um ato de resistência e um caminho para a libertação.

Assim, em conclusão, a morte, em *Édipo Rei*, é mais do que um simples evento final. Ela é um elemento central que molda a narrativa e explora temas universais como o destino, a culpa e a transformação. Ao analisar as diversas formas de morte presentes na obra, podemos compreender como a tragédia grega utiliza esse tema para nos provocar uma profunda reflexão sobre a vida, a finitude e o nosso lugar no cosmos.

“Oh, pedaço de mim  
Oh, metade adorada de mim  
Lava os olhos meus  
Que a saudade é o pior castigo  
E eu não quero levar comigo  
A mortalha do amor, adeus”.

(“Pedaço de mim”, Chico Buarque)

## REFERÊNCIAS

AI Cinemas. **Teste de Bechdel (Bechdel Test)** – O que é e para que serve? Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/teste-de-bechdel-bechdel-test-o-que-e-e-para-que-serve/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOCAYUVA, I. Sobre a catarse na tragédia grega. **Anais de filosofia clássica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 46-52, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/17037>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Y. M. R. Terapias Integrativas e Complementarias en Psicóticas que Demandan Internación Psiquiátrica. 2024. 410 f. **Tese** (Doctorado em *Psicología Social*). Não publicada. Doctorado en Psicología Social, Universidad John F. Kennedy. Buenos Aires, Argentina, 2024.

CÂMARA, Y. M. R. Enfrentamento do Sofrimento Psíquico à Luz da Logoterapia e Análise Existencial. In: **Anais do XX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa**, Universidade de Fortaleza. Fortaleza, p. 1-6, 2020. Disponível em:

<https://uol.unifor.br/oul/conteudosite/?uuid=E0C4E2D40185467FCD7EFADC2FF22640BEB4317E>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CAMPBELL, J. **O Herói de mil Faces**. São Paulo: Grupo Editorial Pensamento, 2009.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

CROMBERG, R. U. Os caminhos de Édipo na diversidade sexual. **Trivium**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2016v2p.156>. Acesso em: 27 nov. 2024.

DIAS, L. L.; SOUZA, G. da S.; CÂMARA, Y. M. R. A Morte como Elemento Trágico em Édipo Rei. **Anais do XXI Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade de Fortaleza**, p. 1-6, 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANKL, V. E. **Em Busca de Sentido**: Um Psicólogo no Campo de Concentração. 54. ed. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

FRANKL, V. E. **Um Sentido para a Vida**: Psicoterapia e Humanismo. 18. ed. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2014.

FUKUMITSU, K. O. **Sobreviventes Enlutados por Suicídio**. São Paulo: Summus Editorial, 2019.

FUKUMITSU, K. O. Suicídio e o Processo de Morte, **Glocal SP**, 2017.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rNG-zV2YHD4&t=75s>. Acesso em: 11 ago. 2024.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Trad. Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LORAUX, N. **Maneiras trágicas de matar uma mulher**: imaginário da Grécia Antiga. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1985.

MURDOCK, M. **A jornada da heroína**: A busca da mulher para se reconectar com o feminino. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022.

PEREIRA, I. S. O Pensamento Filosófico de Viktor Emil Frankl: Homem, Mundo e Deus. 2017. 272 f. **Tese** (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28430>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PLATÃO. **O banquete**. Coleção Os Pensadores. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SÓFOCLES. **Édipo Rei & Antígona**. São Paulo: Martin Claret, 2005.